

# OS ESTUDOS ETNOHISTÓRICOS NO PANTANAL, BRASIL: ABORDAGENS, FONTES E NOVAS PERSPECTIVAS

Ethnohistorical Studies in Pantanal, Brazil:  
Approaches, Sources and New Perspectives

Ariane Aparecida Carvalho de ARRUDA\*  
José Luís dos Santos PEIXOTO\*\*

**Resumo:** Os estudos etnohistóricos no Pantanal iniciaram a partir da década de 1990, concomitante as pesquisas arqueológicas na região. O principal objetivo das pesquisas era compreender como os grupos indígenas utilizavam os recursos ambientais, as tecnologias disponíveis e a implantação dos assentamentos na paisagem. Com o avanço das interpretações, novos problemas, abordagens e fontes surgiram com o intuito de compreender as relações articuladas nos espaços de fronteira entre o Pantanal e a Chiquitania. Assim, o objetivo desse texto é apresentar um panorama sobre os estudos etnohistóricos nesses espaços de fronteira, através do levantamento das fontes históricas, dos problemas e das interpretações.

**Palavras-chave:** Estudos etnohistóricos, Grupos étnicos, Pantanal, Chiquitania.

**Abstract:** Ethnohistorical studies in Pantanal began in the 1990s, concomitant with archaeological research in the region. The main objective of the research was to understand how indigenous groups used the environmental resources, available technologies and the

## Introdução

A partir da expansão colonial até o momento contemporâneo, as sociedades indígenas foram, em grande parte, projetadas do lado da natureza, por meio de uma cultura que não era capaz de 'acolher a alteridade'. 'Bons selvagens e bárbaros' são algumas das figuras que lhes foram impostas pela sociedade europeia durante a conquista desse Novo Mundo, paraíso dominado por 'selvagens', seres que, na visão europeia, estavam desprovidos de fé, de lei e de rei<sup>1</sup>.

Quando os colonizadores chegaram ao Novo Mundo, depararam-se com povos que possuíam culturas, línguas, organização social, práticas sexuais,

\* Doutora em História Ibero-Americana pela PUCRS. Pesquisadora e Colaboradora do Laboratório de Arqueologia do Pantanal/UFMS/CPAN. nani\_arruda2@yahoo.com.br.

\*\* Professor do curso de História e coordenador do Laboratório de Arqueologia do Pantanal, UFMS/CPAN. jose.peixoto@ufms.br

<sup>1</sup> De acordo com Santos, as rebeldias e as lutas dos grupos ditos 'bárbaros' fazem que se crie uma imagem na América de caos e de desordem. Logo, fé, lei e rei "[...] não só são necessários no alfabeto, como também na compreensão de civilização" (2004, p. 70).

implementation of settlements in the landscape. With the advancement of interpretations, new problems, approaches and sources emerged with the intention of understanding the articulated relations in the border spaces between Pantanal and Chiquitania. Thus, the purpose of this text is to present a panorama of the ethnohistorical studies in these frontier spaces, through the survey of historical sources, problems and interpretations.

**Keywords:** Ethnohistorical studies, Ethnic groups, Pantanal, Chiquitania.

alimentares e formas de concepção de mundo, diferentes do referencial cristão e europeu. Nesse caso, notamos, nos textos produzidos por esses personagens coloniais, uma alteridade, que visava tornar possíveis discursos capazes de apreender o que havia de familiar no 'outro', espantando aquilo que havia de ameaçador. Conforme Luz (2000, p. 127), há, ao menos, quatro possibilidades de significação dessa alteridade: 1) apresentação de uma realidade ameríndia inacessível anterior aos processos colonizadores; 2) divulgação de imagens produzidas pelos colonizadores do que seria a América; 3) identificação de sujeitos concretos (coletivos ou individuais) originários do continente que, de alguma forma, foram integrados ou excluídos do mundo colonial; e 4) inserção da modalidade do discurso dos colonizadores, apresentada como uma realidade sem a qual não seria possível articular a identidade. Esses significados não são excludentes, pois as quatro possibilidades podem conviver num mesmo discurso.

Para Monteiro, nos dias de hoje, quando estudamos a temática indígena, ainda parecem prevalecer entre os historiadores brasileiros duas noções fundamentais, que foram estabelecidas pelos pioneiros da historiografia nacional:

A primeira diz respeito à exclusão dos índios enquanto legítimos atores históricos: são, antes, do domínio da Antropologia, mesmo porque

a grande maioria dos historiadores considera que não possui ferramentas analíticas para se chegar nesses povos ágrafos que, portanto, se mostram pouco visíveis enquanto sujeitos históricos. A segunda noção é mais problemática ainda, por tratar os povos indígenas como populações em vias de desaparecimento. Aliás, é uma abordagem minimamente compreensível, diante do triste registro de guerras, epidemias, massacres e assassinatos atingindo populações nativas ao longo dos últimos 500 anos (2001, p. 04).

Durante séculos, observamos que a própria palavra “índio” remete a outros sinônimos carregados de carga depreciativa, como bárbaro e selvagem. Atualmente, alguns grupos preferem ser denominados apenas como indígenas. Como afirmou Grupioni (1994, p. 18), a categoria “índio” carrega, desde o século XVI, com os conquistadores europeus, até os dias atuais, uma conotação política, que passou a ser incorporada pelos grupos indígenas no processo de construção de uma identidade coletiva frente ao restante da sociedade. Assim, é estabelecido um contínuo de semelhanças estruturais entre as diferentes sociedades indígenas e um marco em relação aos ditos ‘civilizados’. Como menciona Sahlins (1997), “a diferença cultural não tem nenhum valor”, pois vai depender de quem a está tematizando, em relação a que situação histórica contemporânea. Assim, os grupos indígenas utilizam sua própria cultura perante a imposição da sociedade capitalista para “marcar sua identidade” e para “retomar o controle do próprio destino” (SAHLINS, 1997).

As estratégias de abordagem dos estudos etnohistóricos no Pantanal consistem em utilizar técnicas e métodos empregados na Etno-história<sup>2</sup>, ou seja, desenvolver os estudos sobre os grupos indígenas através da análise dos documentos históricos. São analisadas as fontes primárias que trazem múltiplas e profundas interpretações; e as secundárias, que auxiliam em uma melhor compreensão dos dados primários e do contexto social em que o autor está inserido. Segundo Carmack (1972, 1979), Etnohistória é um conjunto de técnicas e métodos utilizados para elucidar a cultura através do uso das tradições escritas e orais. Como metodologia, tem um caráter complementar, não só em relação à Arqueologia, como também à Linguística Histórica, à Etnografia, à Antropologia e à Paleobiologia. Para Melià (1987), a Etnohistória tem como objetivo a compreensão do processo vivido por um grupo indígena, suas categorias e modos de ser. Consiste em fazer questionamentos que possibilitem a revisão do passado histórico e a assimilação, de algum modo, de elementos da memória e da tradição de determinado grupo étnico.

<sup>2</sup> Conforme Fleck, “Etno-história é um termo que ingressou na literatura historiográfica e antropológica nos anos 50, e os antropólogos têm sido os principais produtores e consumidores de Etno-história. [...] foi idealizada com a missão de desnudar as dinâmicas sociais, processos, adaptações, rejeições, sincretismo e outros tópicos nos períodos colonial e contemporâneo, que têm constituído preocupação profissional, tanto para antropólogos quanto para historiadores” (1988, p. 40).

Tanto no período pré-colonial como após a chegada dos colonizadores no Pantanal e regiões adjacentes, havia distintos grupos indígenas que foram estudados dentro do Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul (1987-2001), realizado entre a UFMS e o IAP/UNISINOS (dentro do “Projeto Corumbá”). As pesquisas geraram as primeiras informações sobre a ocupação pré-colonial do Pantanal com datas da presença humana que atinge os 8.000 anos A.P. (antes do presente). Durante a realização do projeto foram mapeados vários sítios arqueológicos, distribuídos em áreas de planaltos residuais e planícies de inundação. Os estudos arqueológicos demonstram que essas áreas favoreciam a ocupação humana, apresentando um alto potencial de ocorrência de sítios arqueológicos e com um patrimônio cultural importantíssimo para a humanidade. Os diversos sítios arqueológicos sugerem diferentes formas de ocupação e grupos étnicos com intenso contato entre si, motivados por conflitos e/ou alianças. O objetivo do programa era proporcionar uma história contínua dos grupos indígenas, abrangendo o período pré-colonial e o colonial, com eventuais transgressões para o período contemporâneo (SCHMITZ et al., 1998).

A partir da década de 1990, pesquisadores que integraram o Projeto Corumbá começaram a dedicar pesquisas sobre a ocupação humana pré-colonial e histórica no Pantanal Sul-Matogrossense. Desses estudos, surgiram indagações que reforçavam essa discussão para além do período pré-colonial, mas voltado aos estudos etnohistóricos da região. Logo, o principal objetivo seria compreender como funcionava o espaço ocupado por distintos grupos indígenas entre o Brasil e a Bolívia durante a expansão colonial, o qual era resultante de intercâmbios, reciprocidades e de sínteses culturais, sociais, religiosas, econômicas e políticas.

## Os primeiros estudos etnohistóricos no Pantanal

Na intenção de complementar os dados arqueológicos, assim como de proporcionar uma melhor compreensão e interpretação das evidências, tornaram-se necessários os estudos etnográficos das populações indígenas. Para tanto, integraram-se ao Projeto Corumbá os estudos de Oliveira (1995, 1996, 2000, 2002, 2003a, 2003b, 2004, 2005, 2008), sobre os indígenas Guató; Schuch (1995), sobre as relações interétnicas entre os Xaray e os Chané com as sociedades coloniais hispânica e lusa no Alto Paraguai; Herberts (1998a, 1998b, 1998c, 1999 e 2000), sobre os grupos Mbayá-Guaicurú; Magalhães (1999, 2000a, 2000b, 2001a, 2001b), sobre os Payaguá; e Cypriano (2001), sobre as missões jesuíticas instaladas no Chaco, especialmente junto aos Toba. Mais recentemente, integrou-se ao projeto o estudo desenvolvido por Arnt (2005) sobre a missão jesuítica de San Ignacio de los Zamucos.

Magalhães (1999, p. 30) desenvolveu sua pesquisa sobre as características culturais dos Payaguá<sup>3</sup>, desde os primeiros contatos com os europeus no século XVI até a convivência dos últimos representantes com a sociedade paraguaya, durante o século XIX. Através de fontes históricas, a autora pode determinar a área de ação dos grupos Payaguá. O grupo meridional, identificada como Agaces-Payaguá, viviam entre o extremo sul do rio Paraguai (desembocadura do rio Bermejo, abaixo de Assunção); e o grupo setentrional, conhecida como Sarigué-Payaguá, que explorava o extremo norte, no Alto Paraguai (na área conhecida como Porto de Candelária). Os grupos Payaguá aproveitaram os recursos da fauna e da flora para a obtenção de alimentos e produtos necessários para sua subsistência. A principal atividade era a pesca, seguida pela caça e coleta de frutos. A cultura material era representada por vasilhames cerâmicos (campanas e cântaros); machados de pedra, usado na confecção de canoas; utensílios em cabaça; a tecelagem e o trançado; e o uso de alguns adornos pessoais, como tembetá e o labrete (MAGALHÃES, 1999, p. 131-159).

Herberts (1998) analisou os grupos Mbayá-Guaicurú, com o objetivo de compreender as áreas de domínio, os padrões de assentamentos, a subsistência e a cultura material dos mesmos. No século XVI, o grupo habitou a região do Chaco, dividido em dois núcleos: o núcleo do Sul (Guaicurú), localizado na margem ocidental do rio Paraguai, próximo a Assunção; e o núcleo do Norte (Mbayá), residente também na margem ocidental do Alto Paraguai. A partir de meados do século XVII, começaram a ocupar a margem oriental do rio Paraguai, correspondente a região do Pantanal e áreas periféricas. No final do século XIX estavam ocupando áreas abrangidas pelo atual estado do Mato Grosso do Sul (HERBERTS, 1998, p. 44-65).

Com relação aos tipos de assentamentos, Herberts (1998, p. 73-88) identificou três tipos: 1) assentamentos chaquenhos, caracterizados por uma ocupação temporária, com deslocamentos constantes; 2) assentamentos sazonais na região do Pantanal e áreas adjacentes, caracterizam-se por mudarem os locais conforme o período da cheia e da seca; e 3) assentamentos Kadiwéu, composto por aldeias semi-sedentárias. A subsistência baseia-se nas atividades de caça, pesca e coleta. A cultura material caracteriza-se por apresentar diversos artefatos que estão relacionados à subsistência, disputas, uso doméstico e pessoal. Alguns elementos são significativos na cultura dos grupos, tais como: o arco, a flecha, com diferentes pontas de madeira, de osso e de ferro; o arpão; a lança e a azagaia; a borduna; o

<sup>3</sup> Os nomes dos grupos indígenas são escritos de forma invariável quanto à flexão e o gênero, segundo as normas sugeridas pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 1953. É mantida a forma variável, ou seja, nomes de grupos indígenas escritos no plural, apenas nos trechos retirados da bibliografia original e traduzida para a língua espanhola. Essas normas se encontram resumidas na obra: SCHADEN, Egon. *Leitura de etnologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

bodoque; o laço de couro; a boleadeira; a tecelagem; o trançado; os artefatos líticos, de madeira e de metal; a manufatura em couro e os vasilhames de cerâmica, composto por tigelas, panelas, bilhas, jarras, pratos, entre outros. A partir do século XIX, em decorrência do contato com o europeu, ocorreu a introdução das armas de fogo e de utensílios modernos, como tesouras, enxadas, moenda, facões, panelas de ferro, entre outros.

Os estudos de Oliveira (1995, 1996, 2000, 2002, 2003) abordaram questões pertinentes à problemática ecológica-cultural a respeito das relações homem e meio ambiente, através da compreensão dos padrões de assentamentos e da subsistência dos grupos Guató. As fontes históricas dos séculos XVI, XVII e XVIII sugerem que os Guató, bem como outros grupos canoeiros, residiam entre uma grande extensão do alto curso do rio Paraguai e São Lourenço.

Os tipos de assentamentos estão relacionados às áreas ecológicas próximas a cursos d'água, sendo divididos em três tipos básicos: 1) "aterro" ou *marrabóro*, caracterizados pela ocorrência em matas ciliares e margens de baías e rios, e são ocupados, principalmente, no período da cheia; 2) "beira de rio" ou *modidjécum*, podem estar relacionados a aterros e a locais usados somente no período da seca, sendo também relacionados a vegetação da mata ciliar; e 3) "beira de morraria" ou *macáirapó*, caracterizado como locais protegidos das inundações, relacionados à mata ciliar e aos campos limpos, sendo bastante propício para o cultivo. Esses assentamentos possuem ocupação conforme a sazonalidade, a forma de organização social (famílias autônomas) e a mobilidade fluvial, refletindo em uma maior exploração, pelos grupos Guató, dos recursos naturais (OLIVEIRA, 1995, p. 106-121).

As atividades relacionadas à subsistência Guató indicam a exploração dos recursos naturais, como a pesca, a caça e a coleta. De acordo com as fontes históricas, Oliveira (1995, p. 134-148) identifica a prática do cultivo de alguns produtos agrícolas, tais como: milho, cará, mandioca, abóbora, banana, entre outros. Para o autor uma das espécies vegetais mais importantes para a subsistência tradicional do grupo é a palmeira acuri, iacori ou bacuri (*Scheelea phalerata*), usada como fonte de subsistência (bebidas e alimentos), matéria prima para a construção das habitações, proteção dos Aterros da ação das águas e confecção de objetos domésticos (cestos e esteiras para dormir).

A abordagem dos elementos da cultura material utilizada por Oliveira (1995, p. 149-189), sugere uma categoria de equipamento de subsistência e de uso doméstico e de trabalho. Como equipamentos de subsistência, estão relacionados os artefatos usados para a obtenção de alimentos, como: arcos, flechas, zagaias, canoas, remos, zingas, entre outros. Dentro da categoria de equipamentos para uso doméstico e de trabalho estão as cabaças, as espátulas, os arcos, os bancos

para assento, o trançado, a tecelagem e as vasilhas cerâmicas, sendo caracterizadas, fundamentalmente, por apresentar tecnologia bastante simples, feitas para satisfazer a necessidade do grupo, especialmente, no uso doméstico.

As pesquisas de Schuch (1995), consistiu em analisar as relações interétnicas entre os grupos Xaray e Chané e as sociedades coloniais hispânicas e lusas no Alto Paraguai, entre os séculos XVI e XIX, assim como compreender as novas relações que se estabeleceram e quais as transformações ocorridas com o início da colonização na região. A área geográfica ocupada por vários grupos indígenas, sobretudo os Xaray e os Chané, correspondiam ao Alto Paraguai, que se estende desde a confluência do rio Jauru até o rio Apa, seguindo o curso do rio Paraguai que foi ao longo dos anos, uma área disputada pelos portugueses e pelos espanhóis. Entre os distintos grupos indígenas que residiam na região, a autora selecionou os Xaray e os Chané por serem agricultores de grandes aldeias e por viverem em contato com os europeus desde o início da conquista na região (SCHUCH, 1995).

Para as expedições hispânicas um dos principais pontos de referência, quando se trata da localização das populações indígenas era o *Puerto de Los Reyes*, localizado na margem ocidental da lagoa Gaíba (MELLO, 1958, p. 91). Os Xaray, provavelmente, viviam entre a lagoa Gaíba e a foz do rio Sepotuba, tendo o *Puerto de Los Reyes* como referência na documentação histórica. Segundo os relatos dos missionários jesuítas das Missões de Chiquitos, Schuch (1995, p. 37) afirmou que, desde o século XVI, os Xaray passaram por um processo de desestruturação e posterior extinção por dois motivos principais: a *encomienda* e a ação dos bandeirantes paulistas sobre os grupos.

Com relação aos grupos Chané do Alto-Paraguai, Schuch (1995, p. 44-71) dividiu-os em dois grupos: o primeiro habitava a região do *Puerto de Los Reyes* e o segundo grupo residia na região do *Puerto de San Fernando* ou morro San Fernando que está localizado no paralelo de 21° 22' de latitude. É conhecido atualmente como *Pan de Azúcar*, denominação atribuída entre 1641 e 1718. Esse local está na margem oriental do rio Paraguai e é denominado de *Ytapucú- Guazú* pelos indígenas Guarani (SCHMÍDEL, 1903 [1567], p. 247; MAGALHÃES, 1999, p. 60). Através de fontes históricas, constatou-se que a partir do século XVIII, os grupos Chané haviam transferido seu território para regiões brasileiras, aproximadamente, entre os paralelos de 21º e 19º de latitude sul, na parte ocidental do rio Paraguai, próximo ao *Puerto de la Candelária*. Em meados do século XIX, remanescentes e sobreviventes dos Chané estavam vivendo em regiões no atual estado de Mato Grosso do Sul.

Com a introdução da pecuária pelos portugueses e brasileiros nestas áreas, começaram a ocorrer intensos conflitos, especialmente por posses de terras.

Posteriormente, acentuou-se mais ainda este problema, culminando na expulsão temporária dos indígenas, sendo depois estas terras ocupadas pelos fazendeiros. Somente no século XX, os Chané e remanescentes, como os Terena, tiveram o restabelecimento parcial de suas terras no estado de MS, através da criação das reservas para os grupos indígenas que, atualmente, procuram preservar algumas representações tradicionais de sua cultura.

Cypriano (2001) apresentou uma análise e interpretação da curta duração das missões jesuíticas realizadas no Chaco, especialmente aquelas missões empreendidas junto aos Toba, entre o século XVI e XVIII. Os Toba eram grupos de caçadores-coletores nômades, pertencente ao tronco lingüístico Guaycurú. A partir das fontes históricas, a autora constatou que, os Toba habitaram originalmente a parte central do Chaco, especificamente a região entre os rios Pilcomayo e Bermejo. O Chaco encontra-se na região centro-sul da América do Sul, abrangendo partes dos atuais territórios da Argentina, do Paraguai e da Bolívia, sendo cortado pelos rios: Pilcomayo, Bermejo e o Salado. Os rios dividem o Chaco em sub-regiões: o Chaco Boreal ao norte do rio Pilcomayo; o Chaco Central entre o rio Pilcomayo e o Bermejo; e o Chaco Austral entre o rio Bermejo e o Salado.

As sociedades indígenas chaquenhas, como os Toba, aproveitaram a diversidade biológica do Chaco e o conhecimento do meio ambiente para explorarem recursos naturais, através do nomadismo, da caça e da coleta. A subsistência dos grupos era diversa, incluindo plantas silvestres e animais para alimentação e para produção de adornos, instrumentos e remédios. O Chaco foi uma região que permaneceu durante vários anos inexplorados pelos conquistadores europeus, devido às dificuldades de acesso. Mas com o mito do *El Dorado* e do “Rey Blanco”, o português Alejo García cruzou o Chaco na tentativa de atingir as minas do Peru. Com isso, diversas expedições foram organizadas, visando explorar o Peru e formar alianças com os grupos indígenas, como ocorreu com os Toba.

A primeira tentativa de missão jesuítica documentada nesta região, ocorreu no ano de 1591, pelos padres Bárzena e Añasco. Somente em 1762, os jesuítas fundaram a missão de San Juan Nepomuceno, que reunia os Toba, os Mocoví e os Pilagá. A efêmera duração, assim como a instalação dos modelos de reduções pelos jesuítas (San Ignacio de Ledesma e San Juan Nepomuceno) entre os grupos Toba se revelaram infrutíferas e curtas, devido alguns fatores principais, tais como: 1) a constante movimentação dos indígenas pela busca da subsistência; 2) as inúmeras reações dos grupos indígenas, causando uma difícil convivência entre os europeus e os indígenas; 3) pelas relações dos Toba com outros grupos, que estavam afetadas pela presença do europeu, mas ainda ocorriam; e 4) pela incompreensão dos Guaycurú dos rituais de bençãos e de batismos praticados

pelos europeus, pois devido as mortes após os rituais, os indígenas acreditavam que os mesmos eliminavam vidas (CYPRIANO, 2001, p. 54-87).

As pesquisas arqueológicas associadas aos estudos etnohistóricos auxiliam na identificação das áreas de domínios dos grupos indígenas, que ocuparam a planície pantaneira, em períodos pré-coloniais e ao longo da conquista europeia. Os seus assentamentos, denominado pelos arqueólogos de Aterro, estão preferencialmente situados na borda oeste do Pantanal, entre a planície de inundação do rio Paraguai e a Chiquitania. Nessa região, há um conjunto de lagoas denominadas de lagoa do Jacadigo, lagoa Negra, lagoa Cáceres, lagoa do Castelo, lagoa Vermelha, lagoa Mandioré, lagoa Gaíba, lagoa Uberaba, lagoa Piranhas e lagoa Orion, que estão ligadas diretamente ao rio Paraguai, através de canais fluviais e nos meses de cheia, pelo transbordamento lateral da margem direita do rio. Peixoto (2003) nomeia essa área como região das Grandes Lagoas do Pantanal (GLP), localizada entre 19° 30' e 17° 00' de latitude Sul, entre a planície de inundação do Rio Paraguai (a leste) e o limite com a Chiquitania (a oeste). Nessa região, ao longo do holoceno, a planície pantaneira apresenta disponibilidade e diversidade de recursos ambientais, favorecendo o estabelecimento de Aterros de longa duração, por grupos indígenas denominados, pela Arqueologia, de Tradição Pantanal (Schmitz et al., 1998).

Nas últimas duas décadas, estudos arqueológicos localizaram vários Aterros na região das GLP pertencentes a grupos pré-ceramistas, com idades radiocarbônicas entre 5.500 ± 130 anos A.P. e 2.750 ± 50 anos A.P. Posteriormente, há um aumento na quantidade de Aterros pertencentes a grupos ceramistas, entre 2.640 ± 100 anos A.P. e 710 ± 70 anos A.P. (Peixoto e Arruda, 2015). Segundo Migliacio (2000; 2006, p. 334), a norte da lagoa Uberaba, na região do Pantanal de Cáceres, há ocupações na planície pantaneira por grupos pré-coloniais, porém, por não haver material arqueológico suficiente, não é possível estabelecer com segurança uma relação com grupos ceramistas da Tradição Pantanal.

As evidências arqueológicas para os grupos pré-ceramistas mostram uma baixa ocorrência de Aterros, com ocupações de curta duração. Enquanto que, os grupos ceramistas estabelecidos, principalmente, nas planícies lacustres da região das GLP, apresentam grande quantidade de Aterros com ocupações de longa duração. Esses grupos são especialistas na construção dos Aterros, apresentando um padrão de assentamento e cultura material que podem ser incorporado num mesmo horizonte cultural, mas não é possível associar aos grupos historicamente conhecidos.

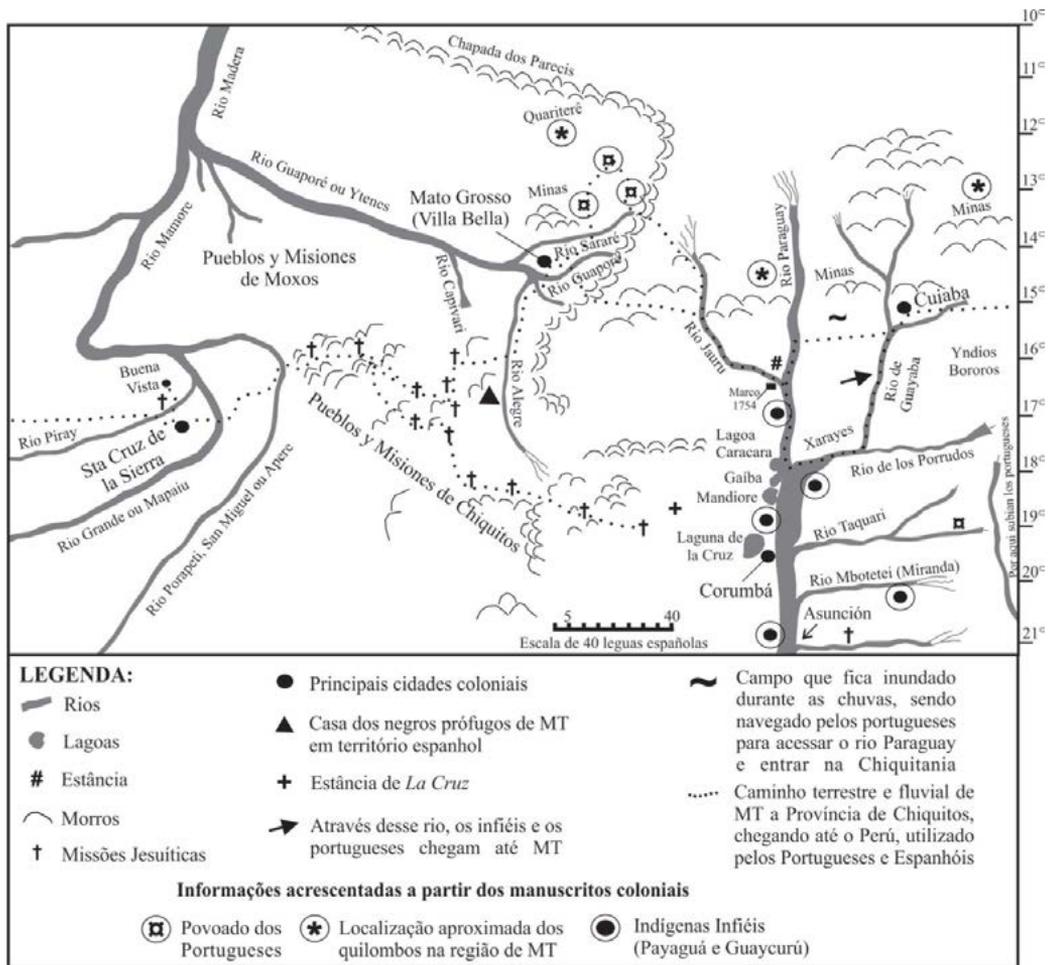
## Os estudos etnohistóricos recentes

A partir de 2005, os estudos etnohistóricos na região do Pantanal começaram a ser desenvolvidos através de novas abordagens, metodologias e perspectivas, especialmente, pela introdução de outras linhas teóricas (História Cultural, Antropologia e Nova História Indígena), fontes manuscritas, iconográficas e técnicas paleográficas. Nessas perspectivas, algumas questões e problemas foram levantados a partir da leitura e análise das fontes manuscritas, dos documentos iconográficos da região e das interpretações levantadas, tais como: as relações entre os grupos indígenas do Pantanal e da Chiquitania/Bolívia (Fig. 1); o espaço de fronteira Brasil/Bolívia visto não como linha de expansão e de separação de realidades opostas, mas como uma área fluida e de interação, em que pessoas, objetos, culturas e ideias se mesclaram e se interagiram, seja através de alianças ou de conflitos bélicos; e sobre as fontes históricas que foram ampliadas para além da análise dos diários dos viajantes europeus, dos relatórios de expedições e das *Cartas Anuas* dos missionários, para a leitura e transcrição dos manuscritos coloniais, redigidos pelas autoridades administrativas, governadores, secretários, fiscais, religiosos e outros funcionários de governo.

Os manuscritos são importantes fontes históricas, pois circulavam num vasto território desde as colônias luso-hispânicas nas “novas” terras colonizadas até as metrópoles coloniais. Esses documentos eram enviados constantemente entre as Coroas, abordando assuntos diversos sobre aspectos do cotidiano, questões econômicas e políticas, como denúncias e petições relativas ao controle social dos grupos indígenas “cristãos” ou “infiéis” e dos próprios administradores dos *pueblos*, fortificações e missões religiosas nos domínios europeus.

Dentro dessas perspectivas foram desenvolvidos estudos de mestrado e doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) por Arruda (2011 e 2015a); projetos de pesquisa financiados pelo CNPq e pela UFMS; bolsas de iniciação científica (CNPq e UFMS); publicações de artigos em revistas e capítulos de livros; e cursos de pesquisa e extensão em técnicas de investigação na Paleografia, oferecidos aos alunos de graduação e pós-graduação do CPAN/UFMS (Oficinas de Paleografia)<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> As oficinas de Paleografia oferecidas no CPAN/UFMS, entre os anos de 2016 e 2017, tinham como objetivos: 1) desenvolver a prática e a leitura em documentos primários dos séculos XVIII e XIX, identificando as letras, os números, as abreviaturas, as ligações, as normas e outros sinais gráficos; 2) desenvolver o senso crítico as fontes históricas, a partir do conteúdo, do período, da relação autor/documento e do contexto histórico do documento; 3) a prática ao conhecimento dos materiais e instrumentos para escrever, a história da escrita e a evolução das letras objetivando sua leitura, transcrição e interpretação; e 4) compreender as possibilidades da Paleografia como instrumento (ou método) de pesquisa.



**Figura 1** – Povoações, povos e os caminhos terrestres e fluviais de Mato Grosso a província de Chiquitos, utilizados pelos portugueses e espanhóis em 1778.

**Fonte:** Figura reproduzida a partir da base cartográfica do mapa original “Plan de Cuyaba, Matogrosso y Pueblos de los Yndios Chyqyutos y Sta Cruz, sacado por orden de el Señor Governador Don Tomas de Lezo y Pacheco”, 1778 (Anexo A, p. 210-211). Em destaque estão inseridas informações acrescentadas a partir dos manuscritos coloniais (ARRUDA, 2015a, p. 57). Em síntese, no século XVI, 1 légua equivalia a valores entre 4 e 7 Km, dependendo do diâmetro da terra que era considerado, aproximadamente, 40.000 km; e da quantidade de léguas que cada navegador considerava que possuía cada grau do meridiano terrestre (MARQUES, 2001, p. 27).

A problemática da dissertação de mestrado era estabelecer os condicionantes étnicos que dificultaram e/ou facilitaram a instalação das Missões de Chiquitos, na Bolívia, entre 1609 e 1691. Os condicionantes étnicos são as relações de alianças e de conflitos entre indígenas/indígenas e entre indígenas/europeus que possibilitaram a instalação da sociedade colonial em seus domínios, a implantação do sistema de *encomiendas* em Assunção e Santa Cruz la Vieja e, finalmente, a fundação das missões jesuíticas entre os indígenas da Chiquitania. Neste estudo, os condicio-

nantes étnicos são apresentados por meio de episódios que ocorreram durante o contato entre os distintos grupos étnicos e as alianças e os conflitos são frutos de disputas por alimentos, territórios, supremacia entre os grupos, não aceitação das práticas culturais do 'outro', casamentos, cativos e submissão.

Desta forma, para responder a essa problemática, três momentos são importantes, pois um proporcionou a existência e a permanência do outro, num processo de reconhecimento do "Outro" enquanto indígena e europeu. O primeiro momento refere-se ao período de contato interétnico entre os europeus e os indígenas. Posteriormente, a sociedade europeia começa a desenvolver seus planos para o povoamento da região do Pantanal e da Chiquitania, a partir da instalação de portos, de povoados e de cidades em lugares estratégicos para o estabelecimento dos espanhóis nas regiões, o abastecimento das embarcações e as excursões nas *tierras adentro*. O segundo momento diz respeito ao estabelecimento do sistema de *encomiendas* pelos espanhóis nas cidades de Assunção e Santa Cruz de la Sierra. Esse sistema acabou facilitando a criação das Missões de Chiquitos na Bolívia, pois os indígenas, insatisfeitos com a presença e exploração europeia na região, não aceitam mais a imposição colonial em seus domínios, o que ocasiona constantes rebeliões. Apesar de o sistema de *encomiendas* ser diferente do projeto missional dos jesuítas – no sentido em que os jesuítas não aceitavam ceder seus neófitos para os senhores *encomenderos* e estes necessitam dos serviços dos indígenas – a pressão exercida pelo sistema de *encomiendas* torna a relação indígena/europeu insustentável, e as missões se apresentam como uma oportunidade de restauração da ordem pelas autoridades administrativas e uma nova oportunidade de sobrevivência dos indígenas.

E, o terceiro e último momento refere-se à instalação das missões jesuíticas na Chiquitania no final do século XVII. O "modelo" e a experiência das missões jesuíticas entre os Guarani foram utilizadas como paradigmas pela Companhia de Jesus na projeção e fundação das missões de Chiquitos na Bolívia. A partir de 1703, com as expedições dos missionários jesuítas pelo rio Paraguai, as relações interétnicas entre os diferentes grupos indígenas das regiões tornam-se mais intensas, ou seja, surgem relações de confrontos abertos entre indígenas/indígenas e entre indígenas/missionários (ARRUDA, 2011).

Posteriormente, as pesquisas se dedicaram a investigar as dinâmicas culturais e as multiplicidades de estratégias utilizadas por indígenas e negros nos espaços de fronteira da Chiquitania/Bolívia e do Pantanal/Brasil, entre 1770 e 1800, na tentativa de manipular o 'outro' e criar possibilidades de sobrevivência diante das intensas transformações socioculturais e da própria pressão exercida pelo contexto histórico vivenciado. A tentativa está em elevar as lógicas das sociedades

indígenas e negras, através de fontes oficiais ou manuscritos coloniais. Apesar das informações das fontes históricas se mostrarem fragmentadas e pouco descritivas, esse estudo se propõe a romper com a visão de enfrentamento permanente entre os grupos étnicos, afinal, os espaços de fronteira também oferecem possibilidades de intercâmbios de pessoas e de ideias. As vinculações entre os espaços proporcionaram a mobilidade entre os personagens, que utilizavam além de confrontos, sobretudo, a negociação e a reciprocidade para atuarem e apreenderem a realidade histórica colonial, a partir de suas próprias lógicas (ARRUDA, 2015a; 2016a; 2016b; ARRUDA & PEIXOTO, 2016).

Os estudos etnohistóricos na região estão inseridos desde 2005, em projetos de pesquisa financiados pelo CNPq e UFMS<sup>5</sup>, como: 1) entre 2005 e 2007 foi desenvolvido o projeto “Os Aterros dos povos indígenas da borda oeste do Pantanal: lagoas do Castelo e Vermelha”, os estudos arqueológicos em andamento na região das lagoas do Castelo e Vermelha (Pantanal/MS) localizaram dezenas de Aterros, os quais foram erguidos sobre uma superfície naturalmente mais elevada nas suaves ondulações do relevo existente na planície de inundação. Alguns desses Aterros possuem indicadores de uma permanência contínua no mesmo local por várias gerações de povos indígenas pré-coloniais, que poderiam servir como marcadores territoriais frente a outros grupos étnicos e refúgio no momento de grandes cheias no Pantanal. Assim, o presente projeto se propõe a ampliar o conhecimento através de escavações por superfícies amplas em Aterros pré-selecionados para que haja uma melhor definição das funções e estruturas desses assentamentos (PEIXOTO, 2005; ARRUDA et al., 2007; SANTOS et al., 2007); 2) entre 2009 e 2013, o projeto “Arqueologia e Etno-história da lagoa Gaíba, Pantanal”, cujo objetivo principal era identificar os diferentes tipos de assentamentos pré-coloniais da região da lagoa Gaíba e determinar sua relação com os grupos étnicos que ocuparam, entre o século XVI e XVIII, a Chiquitania (Bolívia) e o Pantanal (Brasil). Associado aos estudos arqueológicos na região foi realizada investigações etnohistóricas relativo à região do Oriente boliviano que, entre o século XVI e XIX, manteve intensos contatos interétnicos com os grupos indígenas estabelecidos na lagoa Gaíba; e 3) desde 2012 está sendo desenvolvido o projeto “Arqueologia e Etno-história da Lagoa do Castelo e da Lagoa Vermelha, Pantanal, Brasil”, com o intuito de compreender a distribuição dos Aterros na paisagem e o uso do espaço intra-sítio, a partir dos estudos de Arqueologia e de Etnohistória. Os Aterros são verdadeiras obras de engenharia, que perduraram no tempo e que nos fornecem informações de como ocupar uma planície de inundação de forma sustentável e numa relação de reciprocidade entre os recursos ambientais e o homem.

<sup>5</sup> Os projetos de pesquisas foram desenvolvidos no Laboratório de Arqueologia do Pantanal (CPAN-UFMS), sob a coordenação do Prof. Dr. José Luís dos Santos Peixoto.

Dentro desses projetos de pesquisa foram desenvolvidas bolsas de iniciação científica sobre as relações interétnicas entre os grupos indígenas estabelecidos nas grandes lagoas da borda oeste do Pantanal (especialmente, Payaguá e Mbayá-Guaycurú) e os indígenas da região Chiquitana (Chiquito ou Chiquitano), na Bolívia, entre o século XVII e XVIII. Os estudos estavam voltados a análise de *Cartas Anuas* redigidas pelos missionários jesuítas que coordenavam as reduções religiosas no Paraguai e na Bolívia e dos manuscritos coloniais produzidos pelas autoridades administrativas espanholas e portuguesas na região (MOREIRA, ARRUDA E PEIXOTO, 2016). As cópias impressas e digitais desses documentos históricos estão disponíveis para consulta no Laboratório de Arqueologia do Pantanal. Mas, as coleções completas encontram-se nos acervos documentais e iconográficos das bibliotecas e arquivos públicos do Brasil e do exterior<sup>6</sup>.

## Considerações finais

As pesquisas arqueológicas no Pantanal iniciaram na década de 1990, com o objetivo de compreender como os grupos indígenas pré-coloniais utilizavam os recursos ambientais, as tecnologias disponíveis e a implantação dos assentamentos na paisagem. Associados a esses estudos foram produzidos vários trabalhos historiográficos, baseados em fontes etnohistóricas sobre os indígenas que se estabeleceram no Pantanal, entre os séculos XVI e XIX. Os estudos forneceram informações relacionadas aos contatos interétnicos, as áreas geográficas, os assentamentos, a subsistência e a cultura material. Esses elementos ofereceram boas possibilidades de interpretar os dados arqueológicos, numa perspectiva de utilizar esses dados como suposições e não como algo definitivo (PEIXOTO & ARRUDA, 2015). É importante considerar que os primeiros habitantes do Pantanal se estabeleceram na região, antes da conquista europeia, e deixaram vestígios de sua presença nos Aterros que estão distribuídos ao longo da região das GLP.

<sup>6</sup> Arquivos e bibliotecas para consulta nos acervos documentais e iconográficos:

\* ABNB – Archivo y Biblioteca Nacional de Bolivia/Sucre;

\* AGI – Archivo General de Indias/Sevilla;

\* AHN – Archivo Histórico Nacional/Madrid;

\* AGS – Archivo General de Simancas/Simancas;

\* AHU – Arquivo Histórico Ultramarino/Lisboa;

\* APCOB – Apoyo para el campesino-indígena del Oriente Boliviano;

\* FBN – Fundação Biblioteca Nacional/Rio de Janeiro;

\* IAP – Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS/São Leopoldo;

\* PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Biblioteca Central, 6º Andar/Porto Alegre/RS.

\* PARES – Portal de archivos españoles (<http://pares.mcu.es>).

Ao longo dos estudos etnohistóricos desenvolvidos no Pantanal Sul-Matogrossense, especialmente, após a introdução de novos problemas, objetos, métodos e fontes históricas, percebemos que os relatos históricos produzidos pelos conquistadores europeus apresentam discursos, na expressão usada por Certeau (1982, p. 47), através de “estruturas ideológicas”, pois ora mostram o contato interétnico entre espanhóis e indígenas de forma amistosa, como frequentemente fazem Alvar Núñez Cabeza de Vaca e Francisco de Ribera, na tentativa de manter proximidade com os indígenas, especialmente, aqueles que tinham fartura de alimentos, informações sobre os caminhos que levavam às terras adentro e que possuíam objetos de metal (por exemplo, os Chané, os Orejones, os Guaxarapo e os Xaraye). E, em outros relatos, mostram o contato interétnico caracterizado por conflitos abertos, como constantemente realizam Ulrico Schmidel (1903 [1567]), Domingo Martínez de Irala (1974 [1555]; 2008 [1545]), Ñuflo de Chaves e Hernando de Salazar (2008 [1560]); Ruy Diaz de Guzman (1980 [1612]); Alvar Nunez Cabeza de Vaca (1984 [1555]); Francisco de Ribera (1962 [1555]). Esses conflitos, geralmente, são disputas por alimentos, territórios, cativos, não aceitação dos espanhóis e dos seus aliados Guarani e Chiquito.

Logo, os autores tornaram-se objetos e sujeitos dessas escritas de si, convertendo-se em autores de um registro sobre a sua própria história. Dessa forma, os produtores dessas escritas de si destacam e registram acontecimentos que, na sua visão, são mais significantes e devem ser lembrados, ou omitem outros fatos que não convêm serem lembrados e nem registrados. Portanto, fazem que esses registros se tornem um testemunho incontestado sobre a forma como o escritor desse testemunho vê o mundo em que está inserido e a forma como estabelece relações interétnicas (ARRUDA, 2015b).

Analisando os manuscritos espanhóis e portugueses desse período, podemos observar que apesar das tentativas, especialmente, das autoridades espanholas em afastar qualquer relação íntima entre seus vassallos nos espaços de fronteira, a reciprocidade entre os indivíduos sempre existiu, seja na negociação e na prática do comércio ilícito, como nas trocas de correspondências sobre assuntos discutidos no momento, tais como: tratados de paz, negros fugitivos e deserção de indígenas cristãos.

Atualmente, devemos estar cientes da suma importância em repensarmos a maneira de escrever uma História indígena e, mais, na forma de vermos e interpretarmos os indígenas como “protagonistas” da História. Ao pensar e escrever sobre os grupos indígenas no período colonial seja com a intenção de evidenciar as atuações e/ou reações desses grupos diante ou a partir do contato, ou, com o objetivo de privilegiar, ao máximo, os comportamentos e as práticas culturais

desses personagens junto aos europeus, devemos estar atentos que as práticas (ou ações) surgem não como uma simples respostas aos estímulos ocasionados pelo contato e convívio, mas, além disso, como participantes interessados em se beneficiar e sobressair às pressões externas a partir de suas próprias lógicas. Logo, não é simplesmente um exercício complexo e arriscado, mas acima de tudo, um exercício de construção e reformulação constante de conceitos e preconceitos a cada estudo realizado (ARRUDA, 2015a). Cada vez que tentamos interpretar os problemas levantados em nossas fontes históricas, percebemos que por mais fragmentários e dispersos que estejam é possível aproximar-nos dos aspectos da vida, das práticas e dos conhecimentos indígenas, assim como a forma em que manejavam suas ações, seus privilégios e suas escolhas; que “la historia indígena va mucho más allá de ‘los contactos’ (COMBÈS, 2010, p. 18)”; e que sempre há tempo de repensarmos e reescrevermos uma História que fale realmente dos indígenas.

## Agradecimentos

Agradecemos a CAPES pela concessão das bolsas de mestrado e de doutorado, junto a PUCRS. Ao CNPq pelos recursos disponibilizados nos projetos e pesquisa e pelas bolsas de iniciação científica. Em especial, a UFMS e a equipe do Laboratório de Arqueologia do Pantanal (LAPan/CPAN/UFMS) pelo apoio científico e financeiro ao desenvolvimento dessa pesquisa.

## Referências

ARRUDA, Ariane Aparecida C. de; PEIXOTO, José Luís dos S.; CAMPOS, Davi L.; SANTOS, Tatiane S. dos. Correlação entre o material cerâmico de superfície e de escavações do sítio MS-CP-61, Pantanal (MS). I CONGRESSO INTERNACIONAL DA SAB, UFSC, Florianópolis/SC, 30/set a 04/out. de 2007.

\_\_\_\_\_. *Condicionantes étnicos na criação das Missões de Chiquitos: alianças e conflitos na Chiquitania e no Pantanal (1609-1691)*. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, Porto Alegre/RS, 2011.

\_\_\_\_\_. *Cristãos e Infiéis nos espaços de fronteira, Chiquitania/Bolívia e Pantanal/Brasil: Conflitos, reciprocidade, mestiçagem e mobilidade social (1770 – 1800)*. 217 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, Porto Alegre/RS, 2015a.

\_\_\_\_\_. Alianças e conflitos entre indígenas e europeus na Chiquitania (Bolívia) e no Pantanal (Brasil). Século XVI. In: MARTÍNEZ, Cecilia; VILLAR, Diego (Eds.). *En el Corazón de América del Sur. Antropología, Arqueología, Historia*. Vol. 2. Santa Cruz de la Sierra: UAGRM, 2015b. p. 69-87

\_\_\_\_\_. Espacios de Frontera para el intercambio cultural y el cautiverio en el siglo XVIII, Chiquitania/Bolívia y Pantanal/Brasil. *Dos Puntas*, Ano VIII, nº 14, 2º semestre/2016a, p. 17-47, San Juan, Argentina.

\_\_\_\_\_. Cristãos e Infiéis nos espaços de fronteira, Chiquitania e Pantanal: conflitos, reciprocidade e mobilidade social (século XVIII). *Revista História e Diversidade*, dossiê Fronteiras em perspectivas, vol. 8, nº 1 (2016b), p. 34-53.

ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de; PEIXOTO, José Luís dos Santos. As relações estabelecidas entre os grupos indígenas do Pantanal e da Chiquitania no período colonial. *Revista GeoPantanal* (UFMS), v. 11, p. 125-146, 2016.

ARNT, Fúlvio Vinícius. *San Ignacio de Los Zamucos: Índios e Jesuítas no coração do deserto Sul-americano, século XVIII*. 218 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS. São Leopoldo/RS, 2005.

CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. Comentarios. In: \_\_\_\_\_. *Naufragios y Comentarios*. Edición de Roberto Ferrando. Madri-Espanha: Historia 16, 1984 [1555].

CARMACK, Robert M. *Ethnohistory: a Review of its Development, Definitions, Methods and Aims*. Department of Anthropology State University of New York. Albany/New York, 1972. p. 227-242.

\_\_\_\_\_. Etnohistória y Teoría Antropológica. *Cuadernos del Seminario de Integración Social Guatemalteca*, Guatemala, Editorial Jose de Pineda Ibarra, n. 26, 87 p., 1979.

CHÁVEZ, Nuflo de; SALAZAR, Hernando de. DOCUMENTO 10: Memoria y resolución de los casos y cosas sucedidas en la tierra de la gouernación de Juan de Ayolas que sea en gloria, [Lima, a principios de 1560]. In: JULIEN, Catherine. *Desde el Oriente. Documentos para la historia del Oriente Boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597)*. Santa Cruz de la Sierra: Gobierno Municipal Autónomo, 2008. p. 50-56

COMBÈS, Isabelle. Indios y Blancos? Hacer (etno) Historia en las Tierras Bajas de Bolivia. *Boletín Americanista*, Barcelona, año LX.1, nº 60, pp. 15-32, 2010.

CYPRIANO, Doris Cristina Castilhos de Araújo. *Os Toba do Chaco: missão e identidade. Séculos XVI, XVII e XVIII*. 2001. 211 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo – RS, 2001.

DE CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Ensaio sobre Etno-história. *Estudos Leopoldenses*, vol. 24, n. 106, set./out., 1988, p. 39-46.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). As sociedades indígenas no Brasil através de uma exposição integrada. In: \_\_\_\_\_. *Índios no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994. p. 13-28

GUZMAN, Ruy Diaz de. *Annales del descubrimiento, población y conquista del Rio de La Plata*. Asunción: Ricardo Rolón, 1980 [1612]. 308 p.

HERBERTS, Ana Lúcia. Um estudo da cerâmica Mbayá segundo as fontes etnográficas. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 22, n.27/28, p. 7-31, 1998a.

\_\_\_\_\_. História dos Mbayá-Guaicurú: panorama geral. *Fronteiras* (Florianópolis), Campo Grande, v. 2, n.4, p. 36-76, 1998b.

\_\_\_\_\_. *Os Mbayá-Guaicurú: área, assentamento, subsistência e cultura material*. 1998. 262 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo – RS, 1998c.

\_\_\_\_\_. Os Mbayá-Guaicurú: história, área e assentamento. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, v. 3, n.1, p. 21-42, 1999.

\_\_\_\_\_. Os Mbayá-Guaicurú: subsistência e cultura material. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 4, n.2, p. 259-279, 2000.

IRALA, Domingo Martínez de. DOCUMENTO 4: Carta de Domingo de Irala a Su Majestad, Asunción, 1 marzo 1545. In: JULIEN, Catherine. *Desde el Oriente*. Documentos para la historia del

Oriente Boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597). Santa Cruz de la Sierra: Gobierno Municipal Autónomo, 2008. p. 20-26

IRALA, Domingo Martinez de. Carta de Domingo Martinez de Irala al Consejo de Indias, refiriendo sus entradas y descubrimientos por el rio Paraguay hasta el Perú y lo ocurrido en aquellas expediciones y en los asientos del Rio de la Plata. – Ciudad de la Asuncion, 24 de julio de 1555. In: \_\_\_\_\_. Río de La Plata. Gobernacion de Domingo Martinez de Irala. *Cartas de Indias*, Tomo II. Madrid: Ediciones Atlas/Biblioteca de Autores Españoles desde la formacion del lenguaje hasta nuestros dias, 1974 [1555]. p. 572-578

LUZ, Guilherme Amaral. A antropologia e o problema da alteridade no século XVI na América Portuguesa. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, Porto Alegre/RS, Edição Especial “Brasil 500 anos”, n. 01, p. 125-137, 2000.

MAGALHÃES, Magna Lima. *Payaguá: senhores do Rio Paraguai*. 1999. 181 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo – RS, 1999.

\_\_\_\_\_. A participação dos Payaguás nas oscilações político-econômicas entre Assunção e Cuiabá. *Revista de geografia*, Campo Grande/MS, v. 12, p. 37-44, 2000a.

\_\_\_\_\_. A subsistência dos indígenas Payaguá: da caça e pesca à pilhagem. *Revista História Unisinos*, São Leopoldo/RS, v. 4, p. 229-257, 2000b.

\_\_\_\_\_. Investigação do grupo indígena Payaguá: uma tentativa interdisciplinar de auxílio às interpretações arqueológicas do Pantanal Sul-Matogrossense. *Arqueologia uruguaya hacia el fin del milenio*, v. II, p. 551-555, 2001a.

\_\_\_\_\_. A História dos Payaguá. *Fronteiras- revista de História*, Campo Grande/MS, v. 4/5, p. 55-76, 2001b.

MARQUES, Miguel da Silva. *Cartografia antiga. Tabela de equivalências de medidas*. Cálculo de escalas e conversão de valores de coordenadas geográficas. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. 102 p.

MELIÀ, Bartomeu. *O Guaraní: uma bibliografia etnológica*. Santo Ângelo: FUNDAMES, 1987. 341 p.

MELLO, Raul S. de. *História do Forte de Coimbra*. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, v. 1, 1958. 292 p.

MIGLIÁCIO, Maria Clara. *A ocupação pré-colonial do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso*. 391 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Doméstico e o Ritual: cotidiano Xaray no Alto Paraguai até o século XVI*. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo/Museu de Arqueologia e Etnologia, 2006. 401 p.

MONTEIRO, John M. *Tupis, Tapuias e Historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo*. 233 f. Tese de Livre Docência (Departamento de Antropologia/IFCH/Unicamp – Área de Etnologia, Subárea História Indígena e do Indigenismo. Disciplinas HZ762 e HS119). Campinas/SP, agosto, 2001.

MOREIRA, Nathália Claro; ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de; PEIXOTO, José Luís dos Santos. O encontro entre os Mbayá-Guaycuru e os Chiquito no Pantanal e na Chiquitania (segunda metade do século XVIII). *Revista GeoPantanal/UFMS/AGB*, Corumbá/MS, n. 20, p. 147-164, jan./jun. de 2016.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. *Os Argonautas Guató*. 1995. 210 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo – RS, 1995.

\_\_\_\_\_. *Guató: argonautas do Pantanal*. Porto Alegre – RS: EDIPUCRS, 1996. 179 p.

\_\_\_\_\_. O uso tradicional da palmeira acuri pelos índios Guató e suas implicações para a Arqueologia do Pantanal. *CLIO*, Recife, UFPE, n. 14, p. 281-298, 2000.

\_\_\_\_\_. *Da pré-história à história indígena: (re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal*. 2002. 466 f. Tese (Doutorado em História) - Curso de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

\_\_\_\_\_. *Da pré-história à história indígena: (Re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal*. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, SAB, n. 16, p. 71-86, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Sobre os conceitos e as relações entre História Indígena e Etno-história*. *Prosa Underp*, Campo Grande, v. 3, n.1, p. 39-47, 2003b.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia das Sociedades Indígenas no Pantanal*. 1. ed. Campo Grande: Editora Oeste, 2004. v. 1000. 117 p.

\_\_\_\_\_. *Da pré-história à história indígena: (re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal*. *Revista de Arqueologia* (SAB/Impresso), São Paulo, v. 16, p. 71-86, 2005.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia Pantaneira: história e historiografia (1875-2000)*. 1. ed. Dourados: Editora UFGD, 2008. v. 500. 222 p.

PEIXOTO, José Luís dos Santos. *A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal Sul-mato-grossense*. 2003. 262 f. Tese (Doutorado em História) – Curso de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

\_\_\_\_\_. *Relação entre os Aterros e níveis hidrológicos do rio Paraguai, Pantanal (MS)*. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 13, 2005, Campo Grande/MS. Anais..., Campo Grande: Editora Oeste, 2005. 1 CD-Rom.

PEIXOTO, José Luís dos Santos; ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. *Interação regional dos grupos indígenas pré-coloniais que ocuparam a região das Grandes Lagoas do Pantanal e da Chiquitania*. In: ALCONINI, Sonia; BETANCOURT, Carla Jaimes (Editores). *En el corazón de América del Sur 3* (Arqueología de las tierras bajas de Bolivia y zonas limítrofes). Santa Cruz de la Sierra: Imprenta 2E, 2015. p. 41-66.

RIBERA, Francisco de. *Relación de Hernando de Ribera*. In: GAIBROIS, Manuel Ballesteros (Org.). *Viajes y Viajeros*. Viajes por America del Sur II. Madrid/España: Aguilar S. A. de Ediciones, 1962 [1555]. p. 305-311

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Mana*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 1, 33 f., abril. 1997.

SANTOS, Maria Cristina dos. *Dois modelos de discurso: sobre a eficácia do “reduzir” o Guarani e sobre o Guarani “reduzido”*. *História Unisinos*, vol. 8, n. 9, 2004, p. 63-79.

SANTOS, Tatiane S. dos; PEIXOTO, José Luís dos S.; SILVA, Rosa H. da; ARRUDA, Ariane Aparecida C. de; CAMPOS, Davi L. *Arqueofauna proveniente da ocupação pré-ceramista e ceramista do sítio MS-CP-55, Pantanal Sul-Mato-Grossense*. *I Congresso Internacional da SAB*, UFSC, Florianópolis/SC, 30/set a 04/out. de 2007.

SCHMITZ, Pedro Ignácio et al. *Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul*. *Pesquisas*, São Leopoldo, RS, n. 54, 271 p., 1998.

SCHMÍDEL, Ulrich. *Viaje ao Río de la Plata (1534-1554)*. Notas bibliográficas y biográficas por Bartolomé Mitre. Prólogo, traducción y anotaciones por Samuel A. Lafone Quevedo. Buenos Aires: Cabaut y Cía., Editores, 1903 [1567].

SCHUCH, Maria Eunice Jardim. *Xaray e Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto-Paraguai*. 1995. 87 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo – RS, 1995.